

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC MAURICIO LEITE DE PONTES

APLICABILIDADE DA TEORIA DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES NO SÉCULO XXI:
Uma análise do Grupo fundamentalista Estado Islâmico do Iraque e Levante.

Rio de Janeiro

2015

CC MAURICIO LEITE DE PONTES

APLICABILIDADE DA TEORIA DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES NO SÉCULO XXI:
Uma análise do Grupo fundamentalista Estado Islâmico do Iraque e Levante.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Gustavo Leite Cypriano Neves

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2015

AGRADECIMENTO

A minha esposa Viviane e meus filhos, Fabrício e Rafael, pelo apoio incondicional e compreensão em todo o período dedicado a esta pesquisa, ora concluída.

Ao Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Leonardo Faria de Mattos, pelas orientações iniciais, contribuindo para a adequada seleção das fontes de pesquisa e referências bibliográficas.

Ao Capitão-de-Fragata (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pelos ensinamentos sobre a metodologia científica transmitidos de forma precisa e motivante.

Ao Capitão-de-Fragata Gustavo Leite Cypriano Neves, pela forma cordial e profissional que me orientou durante toda a pesquisa e pela dedicação e disponibilidade dispensadas para que esta pesquisa fosse materializada.

“Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores. Matai-os onde quer se os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos. Porém, se desistirem, sabeis que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo. E combatei-os até terminar a perseguição e prevalecer a religião de Deus. Porém, se desistirem, não haverá mais hostilidades, senão contra os iníquos.”

(Trecho do livro sagrado do Islã, o Alcorão, segunda surata, versículo 190-193)

RESUMO

Um grupo fundamentalista diferente, o Estado Islâmico do Iraque e Levante, superou a organização terrorista Al-Qaeda como a maior ameaça jihadista no Oriente Médio. Este grupo tem ocupado territórios no Iraque e Síria, questionando as fronteiras vigentes desde o estabelecimento do acordo *Sykes-Picot*, a fim de criar um Estado próprio sunita. Em 1993, o cientista político estadunidense Samuel P. Huntington publicou a teoria do Choque de Civilizações, que considera as identidades culturais e religiosas dos povos como as principais fontes de conflito no mundo pós-Guerra Fria. Assim, o propósito desta pesquisa é analisar o cenário de crise provocado pelo grupo Estado Islâmico do Iraque e Levante, no Oriente Médio, desde sua formação em 2013 até os dias atuais, com apoio da teoria do Choque de Civilizações. A relevância desta pesquisa para a Marinha do Brasil pauta-se na importância, tanto das teorias geopolíticas contemporâneas para os altos estudos militares, quanto do Oriente Médio como área estratégica global. Para tal, foi realizada uma pesquisa exploratória, empregando a metodologia de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, a fim de comparar a teoria e a realidade. O nível da pesquisa está focado nas decisões políticas e estratégicas dos atores estatais e não-estatais envolvidos. Para atingir o objetivo da pesquisa, confrontou-se o cenário pesquisado com o referencial teórico adotado, a fim de identificar pontos convergentes e dissonantes que pudessem fundamentar a conclusão. Por fim, concluiu-se que houve a convergência entre as principais linhas da teoria do Choque de Civilizações, incluindo a relação central, com o cenário pesquisado. Este fato possibilitou considerar a teoria do Choque de Civilizações capaz de explicar a crise provocada pelo grupo fundamentalista “Estado Islâmico do Iraque e Levante”, apesar de haver algumas dissonâncias causadas pela inconsistência da classificação das civilizações propostas por Huntington. Portanto, a gravidade da situação atual do Oriente Médio está intimamente relacionada às raízes históricas, religiosas e culturais, ou seja, civilizacionais.

Palavras-chave: Baghdadi. Califado. Choque de Civilizações. Estado Islâmico do Iraque e Levante. Fundamentalismo. Guerra-Fria. Huntington. Islã. Oriente Médio. Ressurgimento. Salafismo. Sykes-Picot. Wahhabismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - A classificação das Civilizações proposta por Huntington..... | 42 |
| Figura 2 - O potencial de choque entre as Civilizações..... | 43 |
| Figura 3 - O acordo Sykes-Picot e as atuais fronteiras dos Estados no Oriente Médio.... | 44 |
| Figura 4 - Áreas de influência do grupo Estado Islâmico do Iraque e Levante..... | 45 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 | O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES | 9 |
| 2.1 | Os pressupostos do modelo civilizacional..... | 9 |
| 2.2 | Os conceitos do modelo civilizacional..... | 10 |
| 2.3 | As variáveis do modelo civilizacional..... | 11 |
| 2.4 | As relações secundárias entre as variáveis do modelo civilizacional..... | 12 |
| 2.5 | A relação central do modelo civilizacional..... | 16 |
| 3 | O GRUPO ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E LEVANTE | 18 |
| 3.1 | A origem do Estado Islâmico do Iraque e Levante..... | 18 |
| 3.2 | O Líder Abu Bakr al-Baghdadi..... | 20 |
| 3.3 | A Ideologia do Estado Islâmico do Iraque e Levante..... | 21 |
| 3.4 | Os Objetivos e a Estratégia do Estado Islâmico do Iraque e Levante..... | 22 |
| 3.5 | A organização do Estado Islâmico do Iraque e Levante..... | 24 |
| 3.6 | A resposta da Comunidade Internacional..... | 26 |
| 4 | O MODELO TEÓRICO APLICADO | 28 |
| 4.1 | Análise dos pontos convergentes entre a teoria e a realidade..... | 28 |
| 4.2 | Análise dos pontos dissonantes entre a teoria e a realidade..... | 31 |
| 4.3 | Teses com potencial de substituir o paradigma civilizacional..... | 33 |
| 5 | CONCLUSÃO | 37 |
| | REFERÊNCIAS | 40 |
| | ANEXO – Figuras elucidativas complementares | 42 |

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, um grupo fundamentalista diferente, o Estado Islâmico do Iraque e Levante (EIIL), suplantou a organização terrorista Al-Qaeda como a maior ameaça jihadista no Oriente Médio. O grupo tem ocupado territórios no Iraque e Síria, questionando as fronteiras estabelecidas no acordo *Sykes-Picot*¹, com o objetivo de criar um Estado sunita². Este cenário tem mergulhado a região em mais um período de crise.

O cientista político estadunidense Samuel P. Huntington (1927-2008) propôs a teoria do Choque de Civilizações, divulgada pela primeira vez em um artigo na revista *Foreign Affairs* em 1993. Nesta tese, o Autor considera as identidades culturais e religiosas dos povos como as principais fontes de conflito no mundo pós-Guerra Fria³.

Para esta pesquisa, a seguinte questão foi formulada: a tese proposta por Huntington é capaz de explicar a crise provocada pelo EIIL no Oriente Médio?

O propósito desta pesquisa é analisar o cenário de crise provocado pelo EIIL no Oriente Médio, desde sua formação em 2013 até os dias atuais, com apoio da teoria do Choque de Civilizações.

Com isso, assume-se o desafio de aplicar o modelo civilizacional em um momento distinto do que foi desenvolvido, quando a prioridade era a recomposição da Ordem Mundial pós-Guerra Fria. Essa diferença temporal enriquece as possibilidades epistemológicas da pesquisa, por envolver um evento ocorrido após os ataques de 11 de setembro⁴, que tornou o Sistema Internacional ainda mais complexo.

¹ Acordo entre Reino Unido e França, firmado em 1916, definindo as respectivas esferas de influência no Oriente Médio após a Primeira Guerra Mundial. Os limites estabelecidos pelo acordo ainda permanecem na maior parte da fronteira comum entre a Síria e o Iraque (RABINOVICH, 2014).

² Maior ramo do Islã baseado no “*suna*”, os atos e ensinamentos de Maomé e seus primeiros seguidores. O segundo maior ramo é o xiita, presentes em grande número no Irã e no Iraque (HOURANI, 1991).

³ Período de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os EUA e a URSS entre o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a extinção da URSS em 1991 (TERRA; ARAÚJO; GUIMARÃES, 2010).

⁴ Atentados terroristas aos EUA, em 2001, coordenados pela Al-Qaeda, ao complexo empresarial *World Trade Center* em Nova Iorque e à sede do Departamento de Defesa, o Pentágono, em Arlington (PECEQUILO, 2010).

A relevância desta pesquisa pauta-se na importância, tanto das teorias geopolíticas contemporâneas para os altos estudos militares, quanto do Oriente Médio como área estratégica global.

Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória, empregando a metodologia de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, conduzida nos moldes do trabalho científico, adotando-se um referencial teórico, a fim de explorar um cenário atual, por meio de uma metodologia de etapas logicamente encadeadas. O nível da pesquisa está focado nas decisões políticas e estratégicas dos atores estatais e não-estatais envolvidos.

O programa idealizado será desenvolvido em cinco capítulos, sendo o primeiro materializado por esta introdução.

No capítulo dois, será analisada a teoria do Choque de Civilizações, a fim de identificar os seus principais elementos e definir a sua relação central a partir dos pressupostos assumidos por Huntington.

No capítulo três, serão analisadas as particularidades do EIIL, bem como a resposta da comunidade internacional à sua atuação no Oriente Médio.

No capítulo quatro, o modelo teórico civilizacional será aplicado ao cenário de crise provocado pelo EIIL, a fim de verificar as convergências e as dissonâncias entre a teoria e a realidade. Além disso, serão identificadas outras teses com potencial de substituir o paradigma civilizacional para realização de futuras pesquisas.

Por fim, no capítulo cinco serão desenvolvidas as considerações finais, discriminando-se os pontos mais importantes da pesquisa, a fim de responder a questão formulada, bem como identificar linhas de investigação futura.

Assim, iniciar-se-á a pesquisa com a análise do modelo teórico civilizacional.

2 O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Huntington (1993) evidenciou que, com o fim da Guerra Fria, pela primeira vez na História, a política mundial tornou-se multipolar e multicivilizacional. Os agrupamentos mais importantes de Estados não são mais os blocos da Guerra Fria e sim as principais civilizações do mundo. Esta pesquisa será iniciada com uma análise do modelo do Choque de Civilizações, a fim de identificar os seus principais elementos. Para tal, o capítulo será dividido em cinco partes: na seção 2.1 serão apontados os pressupostos assumidos pelo Autor; na seção 2.2 serão descritos os conceitos de interesse; na seção 2.3 serão identificadas as variáveis da tese; na seção 2.4 serão analisadas as relações secundárias entre as variáveis; e na seção 2.5 será definida a relação central do modelo civilizacional. Passa-se, então, aos pressupostos assumidos pelo autor.

2.1 Os pressupostos do modelo civilizacional

Para Huntington (1996), a modernização econômica e social no mundo pós-Guerra Fria não produz uma civilização universal significativa⁵. Há um declínio da influência do Ocidente e, conseqüentemente, uma expansão do poder de algumas civilizações não ocidentais. Entretanto, a cultura irradiada pela civilização ocidental continua sendo a mais influente no Sistema Internacional, o que contribui, diretamente, para a organização do mundo por padrões culturais para contrapor-se a esta realidade.

O Autor incorpora pontos do Realismo⁶ na sua concepção teórica, definindo o Sistema Internacional anárquico com os Estados-nações sendo os atores principais.

⁵ O propósito do autor era contrapor os pressupostos idealistas de Francis Fukuyama em sua obra *The End of History and the Last Man*, que pregava a harmonia da sociedade global e o fim dos conflitos significativos no mundo pós-Guerra Fria (VESENTINI, 2012).

⁶ Teoria das Relações Internacionais que tem o Estado-nação como ator principal. A principal motivação nas relações entre esses atores é o desejo de poder e segurança, tanto militar quanto econômico, superando os ideais e a ética universalistas (PECEQUILO, 2010).

Na sua tese, Huntington formula uma visão simples do Sistema Internacional, porém suficiente para interpretar e distinguir o que é mais importante, evidenciando sua relevância para essa pesquisa.

2.2 Os conceitos do modelo civilizacional

Huntington constituiu sua teoria com base nas pesquisas de Arnold Toynbee (1889-1975)⁷, que interpreta a História da humanidade como a História das civilizações. Porém, antes de definir o conceito de civilização, deve-se reconhecer que está intimamente associado à ideia de cultura, que envolve comportamentos, normas, instituições e modos de pensar de uma sociedade, ou seja, seus valores fundamentais. Cultura é um termo comum nas definições de civilização, sendo composta por elementos como língua, história, religião, costumes, instituições e autoidentificação subjetiva das pessoas (HUNTINGTON, 1996). Assim, Huntington (1996, p.47) definiu civilização como: “o mais alto agrupamento cultural de pessoas e o mais amplo nível de identidade cultural que as pessoas têm aquém daquilo que distingue os seres humanos das demais espécies”.

Outros dois conceitos importantes relacionados à configuração do Sistema Internacional em estruturas civilizacionais são: Estado-membro e Estado-núcleo.

Estado-membro é qualquer Estado plenamente identificado culturalmente com uma civilização, ou seja, que possui alguma forma de compartilhamento cultural, o qual permite a formação de forças de coesão. O Estado-núcleo é aquele em torno do qual as civilizações se organizam, podendo ser definido como o Estado mais poderoso e culturalmente mais influente em uma civilização (HUNTINGTON, 1996).

Outro conceito de interesse é a linha de fratura, definida como pontos de contato

⁷ Historiador britânico que examina o processo de nascimento, crescimento e queda das civilizações sob uma perspectiva global (HUNTINGTON, 1996).

entre diferentes civilizações. Elas podem ser vistas como áreas fronteiriças no sentido de zona de contato cultural e não necessariamente de fronteira política, ou seja, local onde há a presença de civilizações diferentes interagindo (VESENTINI, 2012).

Para definir os próximos conceitos, deve-se antes interpretar a definição de conflito, assim descrito nas palavras de Freund:

Um enfrentamento por choque intencional entre dois seres ou grupos da mesma espécie que manifestam, uns em relação a outros, uma intenção hostil, em geral a um propósito de direito, para manter, afirmar ou restabelecer o direito. Trata-se de romper a resistência do outro, eventualmente pelo recurso da violência, e que pode tender ao aniquilamento físico do outro (FREUND, 1995, p. 58, tradução nossa).

Para Huntington (1996), o choque entre civilizações pode ocorrer de duas formas: por conflitos de linha de fratura, que ocorrem em nível local, ou seja, entre Estados vizinhos de civilizações diferentes e por conflitos de Estados-núcleo, que ocorrem no nível global entre os principais polos de diferentes civilizações.

Portanto, verificou-se que o principal conceito da teoria de Huntington é a civilização, que organiza-se por meio da relação mútua entre Estados-núcleos e Estados-membros. As linhas de fratura no mundo atual são pontos de vulnerabilidade devido ao risco de escalada dos choques culturais.

2.3 As variáveis do modelo civilizacional

Huntington (1993) definiu a seguinte classificação de civilizações na atualidade: Ocidental; Islâmica; Africana; Sínica; Hindu; Ortodoxa; Latino-Americana; Budista; e Japonesa (FIG. 1). Entretanto, nesta pesquisa, serão analisadas somente as civilizações Ocidental e Islâmica. A primeira por ser a mais influente no atual Sistema Internacional e a segunda por ser a civilização do EIII.

A civilização Ocidental surgiu no século VIII e desenvolveu-se, até os dias atuais,

sob a influência de fatores históricos, geográficos e culturais complexos. No entanto, apesar das dificuldades, Huntington (1996) definiu o Ocidente atual delimitado pela América do Norte e pela Europa cristã.

Quanto aos Estados-núcleos, o número e o papel variam ao longo do tempo. Atualmente, a civilização Ocidental tem um núcleo representado pelos Estados Unidos da América (EUA) e um outro núcleo franco-germânico na Europa, estando a Grã-Bretanha como um centro de poder adicional vagando entre esses dois polos (HUNTINGTON, 1996).

A civilização Islâmica, originou-se na península arábica no século VII. O Islã iniciou rapidamente sua expansão sobre o norte da África, Península Ibérica e Ásia, aglutinando várias culturas distintas, formando uma civilização de alta complexidade. Atualmente, o mundo islâmico é composto por Estados da África, Europa Oriental, Ásia e Oriente Médio, estendendo-se da Indonésia ao Marrocos. Este fato faz com que o Islã permaneça sem um Estado-núcleo definido e dividido em centros de poder competindo entre si (HUNTINGTON, 1996).

Ao examinar a classificação civilizacional proposta por Huntington, identificou-se a demarcação das civilizações Ocidental e Islâmica, constatando-se que as linhas de fratura entre elas tem grande potencial de choque cultural. Este fato deve-se pela rivalidade histórica entre esses povos e pela ausência de um Estado-núcleo islâmico, o que dificulta o diálogo entre essas civilizações.

2.4 As relações secundárias entre as variáveis do modelo civilizacional

Neste momento, serão analisadas as relações secundárias entre as variáveis, a fim de definir a relação central do modelo civilizacional.

Nos últimos quatro séculos, as relações intercivilizacionais podem ser resumidas à

subordinação de outras sociedades à civilização ocidental e a imposição de seus valores em todos os campos das Relações Internacionais.

Com a ocorrência do primeiro choque do petróleo⁸, formou-se no mundo islâmico, uma força de coesão para opor-se a essas interferências. Este movimento foi denominado Ressurgimento Islâmico⁹. Logo, passou-se a exigir a exclusão de qualquer elemento da cultura ocidental, em prol dos preceitos islâmicos, a fim de desenvolver uma solidariedade entre os Estados que formam a *Ummah*¹⁰. No campo político, o Ressurgimento Islâmico tem como objetivo a construção de uma sociedade perfeita por meio de mudanças na estrutura de poder. O movimento difundiu-se em uma diversidade doutrinária que vai do reformador moderado ao revolucionário violento (HUNTINGTON,1996).

Logo, verifica-se que a civilização Ocidental ainda predomina sobre as demais no cenário internacional. Este fato foi fundamental para a formação do Ressurgimento Islâmico. A partir deste movimento, formaram-se os grupos fundamentalistas que buscam o rompimento das estruturas de poder vigentes por meio do emprego da violência.

A estrutura de lealdade política Ocidental considera o Estado-nação como ator principal, sobrepondo-se às comunidades linguísticas, religiosas ou civilizacionais. No mundo islâmico, prevalece a família, a tribo, as unidades de cultura e a religião. Em várias regiões não há identidade nacional, sendo o fator cultural mais importante que o Estado-nação. O fundamentalismo islâmico rejeita o modelo de Estado moderno ocidental, em favor da unidade do Islã (HUNTINGTON,1996).

Os grupos fundamentalistas dedicaram especial atenção, tanto à abertura de escolas islâmicas, quanto à prática de políticas assistenciais, aproveitando-se dos vazios

⁸ Aumento do preço do petróleo pelos Estados exportadores (OPEP) em 1973, em protesto pelo apoio estadunidense prestado a Israel durante a Guerra do Yom Kippur (TERRA; ARAÚJO; GUIMARÃES, 2010).

⁹ Amplo movimento intelectual, cultural, social e político que personifica a aceitação da modernidade, a rejeição da cultura ocidental e o reengajamento no islamismo como guia cultural, religioso, social e político para a vida no mundo moderno. O fundamentalismo islâmico, concebido como Islamismo político, surge desse movimento (HUNTINGTON, 1996).

¹⁰ Comunidade islâmica (HOURANI, 1991).

deixados pelos governos para aproximar-se da população. Entretanto, no campo político, o movimento teve pouco sucesso, pois não receberam apoio das elites muçulmanas, por questões de disputa de poder. Os principais adeptos do fundamentalismo são jovens e alguns intelectuais, que consideram as soluções ocidentais fracassadas (HUNTINGTON,1996).

A atração de jovens para o fundamentalismo islâmico é fortalecida pelas altas taxas de crescimento populacional do mundo muçulmano, sem a absorção suficiente pelo mercado de trabalho. A situação é ainda agravada pela urbanização desordenada. Estes fatores geram a migração para outros Estados, inclusive ocidentais, criando uma linha de fratura (HUNTINGTON,1996).

De fato, um Estado Pan-arábico nunca se materializou. Huntington (1996) atribui essa falta de unificação a dois paradoxos do mundo islâmico: o primeiro é que o Islã está dividido em centros de poder competindo entre si para assumir a liderança da *Ummah*; e o segundo é que o pressuposto de ilegitimidade do Estado-nação demanda que mais de um Estado una-se em prol deste ideal, o que não ocorreu até o momento. A percepção sem coesão é uma fonte de fraqueza do Islã e uma fonte de ameaça para outras civilizações (HUNTINGTON,1996).

Huntington (1996) considera pouco provável um conflito direto entre Estados-núcleos, exceto no Oriente Médio. Nesta região é possível a escalada de conflitos de linha de fratura com potencial de opor Estados-núcleos de outras civilizações. O Ocidente tem adotado o discurso de que não existem problemas com o Islã e sim com os fundamentalistas islâmicos, apesar de mil e quatrocentos anos de história provarem o contrário (FIG. 2). No contexto atual, ou Estados Unidos e Europa juntar-se-ão ou serão destruídos separadamente (HUNTINGTON,1996).

Uma das razões para esse continuado estado de tensão é a religião. O Islamismo é concebido como um estilo de vida que abrange religião e política, enquanto o Cristianismo

tem a concepção na separação dos mundos material e espiritual (HUNTINGTON, 1996).

Estas duas religiões têm grande potencial de choque pelos seguintes motivos: são monoteístas, logo, não assimilam outras divindades; têm uma visão dual do mundo, o que leva ao enquadramento de outras crenças entre o bem e o mal; são universalistas, logo, buscam a afirmação como fé única e verdadeira; e têm caráter missionário, logo, impulsionam seus seguidores a converterem os não crentes. O Islamismo expandiu-se pela conquista desde suas origens e, quando houve a oportunidade, o Cristianismo fez o mesmo. Esse é o combustível que mantém a tensão permanente entre o Islã e o Ocidente (HUNTINGTON, 1996).

Quanto às linhas de fratura entre as civilizações Ocidental e Islâmica, constata-se que, com o fim do imperialismo europeu no século passado e a inexistência de uma nova expansão muçulmana, há uma segregação geográfica entre essas civilizações. Os conflitos entre o Ocidente e o Islã estão centrados menos em território e mais em questões intercivilizacionais amplas, como a proliferação de armas, direitos humanos, democracia, migração, terrorismo e intervenção externa em assuntos regionais (HUNTINGTON, 1996).

Logo, verificou-se que o Estado Pan-Arábico nunca formou-se devido ao Islã está dividido em poderes concorrentes e à falta de vontade política dos líderes muçulmanos. Esta disputa pela liderança da *Ummah* torna a região bastante instável e passível de uma escalada de conflitos de linha de fratura com potencial de opor Estados-núcleos de outras civilizações. Para o Ocidente, o inimigo é o fundamentalismo, porém Huntington considera o Islã, com base em uma análise histórica. O fator religioso é uma fonte de conflito, quando envolve o Cristianismo e o Islamismo, pois ambas possuem características semelhantes, sendo monoteístas, universalistas, missionárias e com visão dual do mundo entre o bem e o mal, o que as torna concorrentes. Por fim, devido à falta de uma fronteira geográfica, os conflitos entre essas civilizações estarão centrados em questões civilizacionais amplas.

2.5 A relação central do modelo civilizacional

A relação central de cada modelo teórico consiste no modo como as principais variáveis relacionam-se entre si, sintetizando a essência do pensamento do autor.

Após a análise da teoria do Choque de Civilizações, definiu-se a relação central: no mundo pós-Guerra Fria, os conflitos não serão essencialmente ideológicos nem econômicos e sim de ordem cultural. Os principais conflitos ocorrerão entre as diferentes civilizações e as linhas de fratura serão as linhas de batalha do futuro, com o intuito de aproximar as fronteiras políticas das fronteiras culturais.

Huntington (1996) reconhece que nem sempre os alinhamentos políticos e econômicos coincidirão com os culturais, devido a questões que envolvem o equilíbrio de poder. Algumas alianças fugirão à regra, bem como haverá conflitos dentro das civilizações, como constatado através da História. Porém, as relações entre grupos de civilizações diferentes, quase nunca serão íntimas e confiáveis.

Huntington (1993) define que para evitar as guerras intercivilizacionais, os Estados-núcleo devem evitar interferências em outras civilizações. Adicionalmente, deve haver a mediação conjunta entre os Estados-núcleos na solução de guerras de linhas de fratura.

A proposta deste capítulo foi analisar o modelo teórico civilizacional de Huntington. Com isso, definiu-se a relação central da teoria de que no mundo pós-Guerra Fria, os conflitos não serão essencialmente ideológicos, nem econômicos, e sim de ordem cultural. Os pressupostos assumidos pelo Autor estão ancorados na crença de que, no contexto pós-Guerra Fria, não há um mundo com valores universais. O Ocidente, apesar de ser a civilização mais atuante no Sistema Internacional, tem sua capacidade de influência em declínio. Huntington adere o Realismo, ao considerar o Estado-nação como principal ator no

anárquico Sistema Internacional pós-Guerra Fria.

Verificou-se uma relação direta entre o fato do Ocidente ter prevalecido sobre as demais civilizações com a formação dos ideais do Ressurgimento Islâmico. A partir deste movimento, formaram-se os grupos fundamentalistas, que atuam até os dias atuais, questionando as soluções ocidentais e a estrutura política do Estado-nação. O fator religioso foi identificado como possível fonte de conflito entre as civilizações Ocidental e Islâmica.

Por fim, devido à falta de uma fronteira geográfica, os conflitos entre essas civilizações estarão centradas, principalmente, em questões civilizacionais amplas como a proliferação de armas, direitos humanos, democracia, migração, terrorismo e intervenção externa em assuntos regionais.

No próximo capítulo, serão abordadas as particularidades do EIIL e a resposta da Comunidade Internacional à sua atuação no Oriente Médio .

3 O GRUPO ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E LEVANTE

Neste capítulo, serão analisadas as particularidades do EIIL e a resposta da comunidade internacional à sua atuação no Oriente Médio. Para tal, o mesmo foi dividido em seis partes: na seção 3.1 será analisada a origem do EIIL; na seção 3.2 será analisado o líder do grupo; na seção 3.3 será identificada a ideologia adotada pelo EIIL; na seção 3.4 serão identificados os objetivos e estratégias do grupo; na seção 3.5 será identificada a organização do EIIL; e na seção 3.6 será analisada a resposta da comunidade internacional à atuação do grupo no Oriente Médio. Iniciar-se-á a análise da Origem do grupo fundamentalista EIIL.

3.1 A origem do Estado Islâmico do Iraque e Levante

Durante a ocupação do Iraque pelos EUA e seus aliados, entre os anos de 2003 e 2011, os campos de prisioneiros mantidos pelos militares estadunidenses foram uma oportunidade para a cúpula da Al-Qaeda e jovens jihadistas reunirem-se com relativa segurança. Em *Camp Bucca*, estava preso o jovem Abu Bakr al-Baghdadi, atual líder do EIIL, considerado o terrorista mais perigoso em atividade. Baghdadi foi detido em 2004 por fundar um grupo militante sunita, em sua cidade natal Samarra, a fim de combater a ocupação estrangeira no Iraque e o governo xiita instaurado. Estes campos de prisioneiros foram vistos pelo povo iraquiano como um símbolo de uma política injusta, que encarcerou maridos, pais e filhos, alguns deles não combatentes. Com a revelação dos abusos de violação dos direitos humanos na prisão de *Abu Ghraib*¹¹, a imagem de que a civilidade ocidental era mais um tipo de tirania no Oriente Médio consolidou-se (CHULOV, 2014).

¹¹ Complexo penitenciário construído pelos Britânicos, quando o Iraque ainda era uma colônia da Grã-Bretanha (NAPOLEONI, 2014).

Ao longo da história, vários grupos fundamentalistas contribuíram para a formação do EIIL. Em 2004, foi fundado o grupo considerado a gênese do EIIL, conhecido como “A Organização do Monoteísmo e Jihad” (JTJ)¹². Mais tarde, naquele ano, quando a liderança desta organização prometeu um pacto de lealdade a Osama Bin Laden¹³, o grupo mudou seu nome para “A Organização de base da Jihad no País dos Dois Rios” (TQJBR)¹⁴, passando a ser comumente referida como “Al-Qaeda no Iraque” (AQI). Este não era o nome adotado pelo grupo, mas foi o mais utilizado para descrever a organização. Em 2006, após uma série de alianças com outros grupos fundamentalistas, o grupo mudou seu nome para “Estado Islâmico do Iraque”, aproximando-se da sua denominação atual, porém AQI continuou a ser a denominação mais usual, principalmente no Ocidente (UMAA, 2014).

Em 2008, os EUA começaram a negociar a transição dos poderes para o governo iraquiano. No entanto, já havia indícios de que a Síria, de Bashar al- Assad¹⁵ (1965-), estava tentando desestabilizar o Iraque, apoiando grupos fundamentalistas sunitas, com o objetivo de ameaçar o governo de Nouri al Maliki (1950-), primeiro-ministro do Iraque, e minar a credibilidade da intervenção das Forças da coalizão (CHULOV, 2014).

Em 2011, com a retirada das tropas da coalizão, os presos dos campos penitenciários controlados pelos EUA passaram à custódia iraquiana. Nos anos seguintes, uma série de fugas permitiu que muitos deles incorporassem as fileiras da AQI. A prisão de Abu Ghraib foi palco de uma enorme fuga em 2013, onde cerca de 500 detentos, muitos deles jihadistas experientes capturados pelos militares dos EUA, fugiram após uma invasão lançada pela AQI. A situação de desordem do Iraque e a fragilidade das sua Forças de segurança permitiram que o grupo iniciasse uma série de ataques bem sucedidos, capturando várias cidades (CHULOV, 2014).

¹² *Jama'at al Tawhid wal-Jihad* (UMAA, 2014).

¹³ Líder da Organização terrorista Al-Qaeda (UMAA, 2014).

¹⁴ *Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al Rafidayn* (UMAA, 2014).

¹⁵ Atual presidente da Síria e Secretário-Geral do Partido Baath desde o ano 2000. Sucedeu a seu pai, Hafez al-Assad, que governou a Síria por 30 anos até sua morte no comando do Estado (NAPOLEONI, 2015).

Com a deflagração da guerra civil na Síria¹⁶, a AQI começou a atuar neste Estado. Assim, no início de 2013, alterou sua denominação para “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”(EIL)¹⁷, separando-se da Al-Qaeda por divergências ideológicas, devido às mudanças incorporadas pela nova liderança, o que fez com que passasse a ser repudiado por aquela organização terrorista. O grupo recebe o apoio de ex-membros do Partido Político *Baath*¹⁸ e das Forças Armadas leais ao ex-ditador Saddam Hussein (1937-2006), incluindo Oficiais de alta patente (UMAA, 2014).

Logo, verifica-se que o EIL formou-se a partir de grupos insurgentes sunitas em atividade desde a derrubada do ex-ditador Saddam Hussein, ou seja, sua origem está relacionada à intervenção estrangeira no Iraque. Aproveitando-se da fragilidade da região, passou a controlar territórios e questionar as fronteiras na região.

3.2 O Líder Abu Bakr al-Baghdadi

Baghdadi nasceu em 1971 na cidade iraquiana de Samarra. Aos 33 anos, foi preso e enviado à *Bucca*, quando a insurgência sunita contra os EUA estava ganhando força nas regiões central e ocidental do Iraque. O pequeno grupo, liderado por Baghdadi, era apenas um dentre vários que brotavam devido à revolta sunita. Muitos destes grupos, em breve, iriam reunir-se sob a bandeira da AQI. Quando esteve em *Bucca*, Baghdadi era uma figura menos significativa do que o líder nacional da insurgência, Abu Musab al-Zarqawi, que representava a soma de todos os medos no Iraque, Europa e EUA (CHULOV, 2014).

¹⁶ Conflito interno na Síria iniciado com uma série de protestos populares, no contexto da “Primavera Árabe” que progrediu para uma violenta revolta armada em 2011 (NAPOLEONI, 2015).

¹⁷ Em tempos ancestrais, a Síria ocupava todo o espaço conhecido como “Levante”, vasta região do Oriente Médio, situada ao sul dos Monte Taurus (HOURANI, 1991).

¹⁸ Partido político fundado na Síria, que se expandiu para o Iraque. A partir de 1966, dividiu-se formando dois partidos com mesmo nome, tendo sedes em Damasco e Bagdá. O Partido *Baath* iraquiano governou o Iraque de 1968 até 2003, sob a liderança de Saddam Hussein. A partir deste ano, após a invasão do Iraque pela coalizão liderada pelos EUA, o partido ficou proibido de atuar e muitos de seus ex-membros passaram a apoiar a insurgência iraquiana (NAPOLEONI, 2015).

Em 2006, al-Zarqawi foi morto em uma operação liderada pelos EUA. O seu sucessor, Abu Omar, tornou-se implacável no combate a seus inimigos, fazendo com que as pessoas mais sanguinárias assumissem posições importantes na AQI. Em 2010, Abu Omar e seu vice, Abu Ayub al-Masri, estavam em uma casa a seis milhas da cidade iraquiana de Tikrit, quando foram atacados por forças dos EUA e detonaram coletes suicidas para evitarem a captura. O esconderijo de Abu Omar não tinha conexões com a Internet ou linhas de telefone e todas as mensagens importantes foram tramitadas por apenas três homens, sendo um deles Abu Bakr al Baghdadi, que havia se tornado o principal assessor de Abu Omar e provável sucessor na AQI (CHULOV, 2014).

Baghdadi distinguia-se de outros aspirantes à liderança da insurgência iraquiana, por possuir raízes familiares capazes de indicar uma linhagem direta ao profeta Maomé. Mais tarde, ao assumir a liderança da AQI, separou-se da Al-Qaeda e criou, oficialmente, o EIIL. Em 2014, anunciou a criação de um califado¹⁹ e proclamou-se o califa do mundo islâmico (CHULOV, 2014).

Baghdadi atua na insurgência sunita desde 2004 e, nesta jornada, tornou-se um jihadista experiente e determinado na luta pela causa fundamentalista islâmica. Assim, ele chegou à liderança da AQI, em 2013, rompendo, em seguida, com a Al-Qaeda para formar o EIIL a partir deste grupo. Portanto, conclui-se que o EIIL nasce com experiência suficiente para se tornar, em pouco tempo, uma grande ameaça à estabilidade do Oriente Médio.

3.3 A Ideologia do Estado Islâmico do Iraque e Levante

A ideologia adotada pelo EIIL é o jihadismo salafista, onde não há distinção entre

¹⁹ Forma islâmica monárquica de governo que representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição de seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do profeta Maomé (HOURANI, 1991).

religião e Estado, sendo as decisões baseadas na interpretação radical da Sharia²⁰. Há bastantes semelhanças entre os grupos fundamentalistas islâmicos de uma forma geral, porém a divergência principal entre eles, incluindo a Al-Qaeda e os Talibãs, está na definição do momento adequado e nas condições para estabelecer o califado (CLARION, 2015).

O salafismo é baseado no retorno à forma supostamente pura do Islã praticado pelos sucessores de Maomé e qualquer aditamento é rejeitado. Este movimento começou no Egito, no final do século XIX, e foi desenvolvido simultaneamente com o wahhabismo, cuja austera e violenta interpretação do Islã, tornou-se popular na Arábia Saudita. Esta ideologias são frequentemente usadas como sinônimos, mas o Wahhabismo pauta-se no puritanismo radical e pode ser considerado um subconjunto do salafismo, movimento mais amplo que visa ao resgate dos ideais dos primeiros muçulmanos (CLARION, 2015).

Sayyid Qutb (1906-1966), o ideólogo da Irmandade Muçulmana, enforcado pelo presidente egípcio Nasser (1918-1970), constitui, igualmente, uma grande influência em todos os grupos jihadistas, não sendo o EIIL uma exceção. A contribuição de Qutb ao jihadismo foi a criação de uma filosofia política, que defendia a derrubada violenta de todos os regimes vigentes, a fim de substituí-los por um Estado islâmico (CLARION, 2015).

Portanto, no que se refere à ideologia, o EIIL segue os mesmos fundamentos dos demais grupos radicais islâmicos. A partir deste arcabouço de ideias, foram definidos os objetivos e estratégia de atuação do grupo.

3.4 Os Objetivos e a Estratégia do Estado Islâmico do Iraque e Levante

A ameaça representada pelos jihadistas sunitas vem crescendo desde o final da

²⁰ O islamismo trouxe consigo um conjunto de leis que regem a vida do muçulmano, a Sharia. Elaborada pela combinação de diversas fontes, incluindo o Alcorão e as Fatwas, decisões dos estudiosos islâmicos. Esses fundamentos regem as questões do cotidiano islâmico, desde os cultos, operações comerciais, casamentos, divórcios até as leis penais (HOURANI, 1991).

última década, devido à conquista e consolidação de controle territorial, a partir do qual conseguem lançar ataques sobre o que eles chamam de "inimigo próximo", ou seja, os governos locais, apesar dos planos de ataques terroristas contra alvos ocidentais continuarem a existir (NAPOLEONI, 2015).

Com o crescimento do EIIL, seus objetivos e intenções tornaram-se mais claros. A Al-Qaeda concebeu-se como a vanguarda de uma insurgência global de mobilização das comunidades muçulmanas contra os governos seculares. O EIIL, ao contrário, procura controlar território e criar um estado sunita governado sob a interpretação radical da Sharia, ou seja, o grupo pretende alterar as fronteiras políticas do Oriente Médio, estabelecidas desde o acordo Sykes-Picot (FIG. 3). Além disso, busca posicionar-se como a única autoridade política, religiosa e militar sobre os muçulmanos (RABINOVICH, 2014).

A curto prazo, o objetivo é consolidar as áreas já controladas e capturar mais território na Síria e no Iraque. O Objetivo a médio prazo é avançar em Estados sunitas vizinhos, sendo a Arábia Saudita e a Jordânia, os mais atraentes, pois ambos têm grandes quantidades de jovens descontentes e são governados por monarquias autoritárias, que passaram pela “Primavera Árabe”²¹ incólumes. Pensando a longo prazo, o grupo visa nada menos do que a dominação de toda a *Ummah* para enfrentar o Ocidente (LEWIS, 2015).

Para atingir estes objetivos, é necessária a consolidação do califado. Baghdadi discursou na primeira sexta-feira do Ramadã de 2014, na histórica mesquita Al Nouri de Mossul, exortando os muçulmanos a obedecê-lo e juntar-se no combate aos infieis xiitas e sunitas moderados, o inimigo próximo, e posteriormente derrotar os ocidentais, o inimigo distante. Esta é a única tentativa de ressuscitar o sistema governamental dos primeiros muçulmanos na era moderna. O último califado foi abolido pelo secular líder turco Mustafá Kemal Atatürk, há 91 anos, no antigo Império Turco Otomano (NAPOLEONI, 2015).

²¹ Movimento representado por uma onda de protestos populares ocorridos desde dezembro de 2010, atingindo alguns Estados do Oriente Médio e Norte da África (LEWIS, 2015).

A organização Al-Qaeda atraiu seguidores com argumentos religiosos. O EIIL oferece uma mensagem muito diferente, atraindo adeptos que anseiam por justiça. Há ainda aqueles que só querem matar, pois enxergam uma oportunidade de praticar a violência sem limites. O grupo oferece satisfação primitiva, radicalizando as pessoas de uma forma que não pode ser combatida por meio de apelos à lógica. Adolescentes são atraídos para o grupo sem compreender o seu significado e pessoas mais maduras são atraídas pelo seu sucesso (CRONIN, 2015). Apesar de muitos voluntários serem provenientes de Estados muçulmanos, alguns vêm da Europa e América do Norte, na maioria jovens muçulmanos que sofreram discriminação e foram isolados pela sociedade ocidental (CORDESMAN, 2015).

O objetivo principal do EIIL é a formação de um Estado sunita. Ao proclamar-se califa, Baghdadi fez uma afirmação ousada, desafiando outras autoridades religiosas. O grupo tem adotado uma estratégia diferente da Al-Qaeda. Sua mensagem central é a demonstração de poder bruto e a busca por vingança com duplo objetivo: intimidar inimigos e atrair simpatizantes.

Portanto, a ousadia do EIIL continua atraindo muitos jovens para suas fileiras, principalmente, pela eficiência da sua propaganda, o que dificulta as iniciativas de combate desenvolvidas pelos governos ocidentais e islâmicos. Para compreender como o grupo busca atingir seus objetivos, identificar-se-á a forma como está organizado.

3.5 A organização do Estado Islâmico do Iraque e Levante

O EIIL está organizado como um pseudo-Estado com base em uma estrutura administrativa complexa. Na parte superior da organização, o comando militar é exercido por Baghdadi e dois suplentes, ambos ex-generais de Saddam. A parte burocrática é controlada por administradores que governam os territórios conquistados. O EIIL está empenhado na

construção de um Estado, logo, busca prestar serviços para a população sob seu controle. Em 2014, após a conquista de Raqqa no nordeste da Síria, o grupo estabeleceu a cidade como a capital do califado (CRONIN, 2015).

O EIIL não depende de financiamento externo, mas recebe recursos de simpatizantes muçulmanos, principalmente sauditas. O território conquistado pelo grupo tem permitido a construção de um modelo financeiro autossustentável impensável para a maioria dos grupos fundamentalistas (FIG. 4). Gradualmente, assumiu ativos de petróleo na Síria e no Iraque. O produto é vendido no mercado negro nestes mesmos Estados e em outros como Jordânia e Turquia, onde há uma abundância de compradores dispostos a pagar preços abaixo do mercado. Além do petróleo, o EIIL tem: comercializado obras de arte e antiguidades saqueadas; tributado a circulação de mercadorias em geral; controlado a produção de algodão e trigo em Raqqa; e sequestrado reféns para exigir pagamentos de resgate. Há a tributação de tudo, desde pequenas fazendas familiares a grandes empresas prestadoras de serviços como telefonia celular, distribuição de água, energia elétrica, dentre outras (CRONIN, 2015).

Mas é a capacidade bélica do grupo que possibilita a manutenção dessa estrutura. Estima-se que o EIIL tenha cerca de 30 mil combatentes, organizados de forma flexível, agindo, ora como terroristas ou insurgentes ao estilo de guerrilha maoista, ora como uma força de infantaria leve apoiada por armas pesadas, dependendo da ocasião (CRONIN, 2015).

Portanto, verifica-se que o EIIL não é apenas uma organização terrorista. O grupo tem a pretensão de consolidar um Estado puramente sunita por meio de seu poderio bélico, valendo-se de sua autossuficiência financeira. Com a escalada da crise, a comunidade internacional uniu-se a fim de combater o inimigo comum, lançando uma ofensiva multicivilizacional no Oriente Médio.

3.6 A resposta da Comunidade Internacional

Sob a liderança dos Estados Unidos, uma coalizão multicivilizacional, de aproximadamente 60 Estados, foi formada com objetivo de derrotar o EIIL. A coalizão é integrada por: EUA, Canadá, Reino Unido, França, Alemanha, Austrália, Nova Zelândia, Iraque, Egito, Arábia Saudita, Turquia, Líbano, Jordânia, Kuwait, Emirados Árabes Unidos (EAU), Omã, Bahrain, Qatar, Coreia do Sul, Japão, Somália, Marrocos, etc. Porém, Irã e Síria não fazem parte da coalizão por questões de relações diplomáticas com os demais Estados participantes. As ações realizadas pela coalizão são: ataques aéreos a alvos controlados pelo EIIL e apoio às forças iraquianas, curdas e grupos armados sírios (KATZMAN, 2015).

No campo jurídico e diplomático, os EUA têm envidado esforços junto à Organização das Nações Unidas (ONU), a fim de aprovar medidas para o enfraquecimento do EIIL. Em 2014, o Conselho de Segurança aprovou as Resoluções 2.170 e 2.178. Nestes documentos, incentiva-se a adoção de medidas, por todos os Estados-membros, a fim de: suprimir o fluxo de combatentes terroristas; evitar o recrutamento de pessoas; bloquear o fornecimento de armas e recursos financeiros aos extremistas; e levar à justiça, em conformidade com o Direito Internacional, os transgressores (KATZMAN, 2015).

O propósito deste capítulo foi analisar as particularidades do EIIL e a resposta da comunidade internacional à sua atuação no Oriente Médio. Verificou-se que o grupo é produto das interferências estrangeiras no Iraque, por ocasião da retirada de Saddam Hussein do poder. Entretanto, o grupo não é, simplesmente, uma organização terrorista. Atualmente, o EIIL ocupa territórios no Iraque e na Síria, com pretensões de expansão, para a consolidação de um Estado sunita. O terrorismo é apenas uma das formas de atuação do grupo e tem duas finalidades: a intimidação de inimigos e a atração de adeptos. No combate às Forças de segurança iraquiana e aos grupos curdos e sírios, o EIIL realiza ações de infantaria

convencional, o que demonstra sua versatilidade.

O grupo tem mantido-se economicamente autossuficiente, principalmente, devido ao comércio de petróleo no mercado negro.

O EIIL, ideologicamente, segue os mesmos fundamentos de outros grupos radicais islâmicos, com base no salafismo jihadista, no Wahhabismo e nos ideais de Qutb. Em 2014, o grupo declarou a formação de um califado.

Em resposta, a Comunidade Internacional formou uma Coalizão liderada pelos EUA, a fim de combater a atuação do EIIL, apoiando os atores regionais em prol da estabilidade do Oriente Médio.

No próximo capítulo, será aplicado o modelo civilizacional de Huntington a este cenário provocado pelo EIIL, a fim de verificar os pontos convergentes e dissonantes entre a teoria e realidade.

4 O MODELO TEÓRICO APLICADO

Uma análise superficial da situação caótica provocada pelo EIIL no Oriente Médio levaria à conclusão simplista de que se trata apenas de um conflito regional. Entretanto, analisando-se os objetivos de Baghdadi ao anunciar a criação do califado, percebe-se a força do componente cultural e religioso. Logo, é mister que se faça uma análise aprofundada dos principais pontos da pesquisa, a fim de melhor examinar a questão.

Neste capítulo, o modelo teórico civilizacional será aplicado ao cenário de crise provocado pelo EIIL no Oriente Médio, a fim de verificar as convergências e as dissonâncias entre a teoria e a realidade. Desta forma, o capítulo foi dividido em três partes. Na seção 4.1 serão analisados os pontos convergentes entre a teoria e a realidade, na seção 4.2 serão analisados os pontos dissonantes e na seção 4.3 serão identificadas teses com potencial de substituir o paradigma civilizacional para realização de futuras pesquisas. Passa-se à análise dos pontos convergentes entre a teoria e a realidade.

4.1 Análise dos pontos convergentes entre a teoria e a realidade

No capítulo dois, identificou-se que para Huntington, uma forma de evitar conflitos intercivilizacionais seria a não interferência dos Estados-núcleo em outras civilizações. As raízes da formação do EIIL estão diretamente ligadas à retirada de Saddam Hussein do poder pela coalizão liderada pelos EUA. Portanto, a intervenção estrangeira no Iraque gerou uma intensa zona de contato entre as civilizações ocidentais e islâmicas, criando, assim, um conflito de linha de fratura, que desdobrou-se por aproximadamente uma década e hoje materializa-se no conflito intercivilizacional entre as forças da coalizão e do EIIL.

Como Huntington afirmou, os conflitos entre as civilizações Ocidentais e Islâmicas estariam centrados em questões intercivilizacionais amplas, como a proliferação de armas, direitos humanos, democracia, migração, terrorismo e intervenção externa em assuntos regionais. Além disso, a ausência de um Estado-núcleo islâmico tem sido um fator limitador para a estabilização da região. Este fato verificou-se na dificuldade de alinhamento dos Estados muçulmanos, frente a ameaça do EIL, culminando com a não aceitação da Síria e do Irã na coalizão, apesar deles estarem dispostos a juntar-se no combate ao inimigo comum.

Quanto à ameaça representada pelo EIL ao Oriente Médio, constatou-se que o grupo não se trata, simplesmente, de uma organização terrorista. O EIL possui objetivos audaciosos de controlar territórios e criar um Estado puramente sunita. Analisando-se esta questão pelo enfoque civilizacional, verifica-se que há a busca pelo ajuste das fronteiras políticas com as culturais. Embora este fato ocorra dentro da própria *Ummah*, a questão da rejeição ao Estado moderno fica bem evidenciada. Como verificado no capítulo dois, a estrutura de lealdade política Ocidental é baseada no Estado-nação, enquanto a Islâmica prevalece na família, na tribo e na religião, portanto, considera as fronteiras políticas atuais como um dos produtos do imperialismo europeu do século passado.

No que se refere à questão da estabilidade do cenário internacional atual, identificou-se no capítulo dois desta pesquisa, que a situação do Oriente Médio é bastante delicada. Para Huntington, apesar de haver uma baixa probabilidade de conflitos entre Estados-núcleos no mundo pós-Guerra Fria, uma escalada de pequenos conflitos de linha de fratura nesta região tem o potencial de confrontar Estados como EUA, França, Reino Unido, Rússia e China. Assim, a resposta ocidental à ameaça do EIL, por meio de uma solução multicivilizacional, com prioridade na cooperação e fortalecimento dos atores regionais, está em sintonia com a teoria do Choque de Civilizações. Ainda neste raciocínio, no capítulo dois, identificou-se que Huntington enfatiza a importância da união do mundo ocidental para

combater as ameaças comuns, ou EUA e Europa se unem ou serão destruídos separadamente. O Ocidente tem mantido-se coeso no combate ao EIIL.

Quanto aos objetivos do EIIL, verificou-se, no capítulo três, a forte presença do componente cultural. Baghdadi explora fatores históricos, étnicos e religiosos, ou seja, civilizacionais, para fundamentar seu discurso em busca de poder e legitimidade. Assim, tenta resgatar uma forma de governo secular, incentivar a guerra sectária contra os xiitas, combater as minorias étnicas e reviver as disputas entre muçulmanos e cristãos como na época do profeta Maomé. Portanto, como identificado no capítulo dois, os conflitos civilizacionais podem cessar durante certo período, mas raramente terminam de modo permanente, pois suas raízes são históricas, profundas e duradouras, tornando-os intermitentes. Outro ponto de interesse relacionado a este fato, refere-se à associação destes acontecimentos com os ideais do Ressurgimento Islâmico, que estimula o retorno aos fundamentos do Islã em substituição aos valores ocidentais impostos ao mundo muçulmano.

Quanto ao poder de atração de voluntários do EIIL, identificou-se, no capítulo três, que deve-se à propaganda executada pelo grupo, associada ao fracasso das políticas com base nos modelos ocidentais adotadas por alguns Estados muçulmanos. A maioria dos voluntários são provenientes de Estados muçulmanos, porém, há aqueles oriundos do Ocidente. Neste caso, a maioria são jovens imigrantes discriminados e isolados pela sociedade ocidental. Portanto, verifica-se que o EIIL explora a linha de fratura formada pela migração de jovens muçulmanos para o Ocidente, que partem em busca de oportunidades, devido à incapacidade dos governantes muçulmanos em atender as necessidades da própria população.

Por fim, verifica-se que a relação central do Choque de Civilizações, de que os conflitos pós-Guerra Fria serão de ordem cultural foi válida no cenário proposto para esta pesquisa. Na busca pelo poder e legitimidade sobre a *Ummah*, Baghdadi invocou aspectos culturais, servindo-se de ideologias fundamentalistas para estimular a guerra sectária contra

os xiitas e a *Jihad* contra os infiéis Ocidentais. Ressalta-se, ainda, que o próprio Líder do EIIL é um produto do choque cultural devido à intervenção estrangeira no Iraque e que seu grupo luta para apagar as fronteiras traçadas pelo imperialismo europeu no século passado. Portanto, pode-se afirmar que o conflito atual entre a coalizão e o EIIL é de ordem cultural.

4.2 Análise dos pontos dissonantes entre a teoria e realidade

Ao aplicar a teoria do Choque de Civilizações ao cenário proposto para esta pesquisa, foram identificados dois pontos dissonantes que serão ora analisados.

O primeiro ponto dissonante refere-se ao fato de Huntington considerar o Islã, propriamente dito, e não o fundamentalismo islâmico como uma ameaça ao Ocidente, conforme identificado no capítulo dois. Esta afirmação está fundamentada em fatores religiosos, tendo em vista que o Cristianismo e o Islamismo são universalistas, o que as tornam concorrentes e com grande potencial de choque. No entanto, o que vem ocorrendo, na prática, é uma postura contrária a esta proposição de Huntington. Os EUA e a Europa consideram o fundamentalismo como o verdadeiro inimigo e buscam firmar alianças regionais para derrotá-lo. Assim, constata-se que, na visão ocidental atual, os fundamentalistas não representam o Islã.

O segundo ponto dissonante correlaciona-se com o fato do EIIL atacar, prioritariamente, alvos muçulmanos xiitas e sunitas moderados apesar do discurso antiocidental, conforme demonstrado no capítulo três. Neste caso, identifica-se o inverso da tese civilizacional, pois o Islã não adere à causa do EIIL e firma parcerias com o Ocidente para estabilizar o Oriente Médio. Para analisar estes fatos com base no enfoque civilizacional, utilizar-se-ão algumas críticas feitas ao modelo de Huntington.

Para Ajami (1993), por mais remota que seja uma civilização moderna, ela já

sofreu alguma influência de outras culturas. Huntington considera as civilizações intactas e reivindicando a lealdade de seus adeptos mesmo após anos de História. Logo, a principal falha da tese civilizacional é o excesso de simplificação e a rigidez na demarcação das fronteiras civilizacionais, sem mensurar quanto essas civilizações foram influenciadas.

Para Kirkpatrick (1993), a classificação de civilizações propostas por Huntington é questionável. Para esta autora, não há dúvida quanto às diferenças sociais, culturais e políticas entre muçulmanos e ocidentais. Entretanto, as diferenças mais importantes e explosivas são encontradas dentro da própria *Ummah*. O mundo muçulmano está dividido entre pessoas, partidos e governos que são razoavelmente moderados e pacíficos e aqueles que são contra a modernidade, antiocidental, intolerantes, expansionistas e violentos. O primeiro alvo de fundamentalistas islâmicos não é outra civilização, mas seus próprios governos.

Assim, evidencia-se que a complexidade da civilização islâmica, existente desde os primórdios da *Ummah*, revela um ponto de fraqueza do modelo civilizacional. As críticas ao Choque de Civilizações alertam sobre a fragilidade da classificação civilizacional de Huntington que subestima os conflitos internos e superestima a importância da religião.

Huntington (1993) rebateu as críticas recebidas com o seguinte argumento: ao pensar de forma científica, são usadas abstrações e simplificações da realidade, criando-se conceitos, teorias, modelos e paradigmas. Sem tais construções intelectuais, qualquer análise é impossível. Para ser aceito, um paradigma deve ser melhor do que seus concorrentes, mas não precisa, e na verdade nunca consegue, explicar todos os fatos com que pode ser confrontado. Toda abstração tem cenários que fogem a regra, que são chamadas de anomalias, porém eventos anômalos não invalidam um paradigma. Isto só ocorrerá, quando houver uma alternativa melhor.

A função principal de um paradigma é destacar o que é importante. No caso do

paradigma civilizacional destaca-se o potencial de escalada de confrontos entre grupos de diferentes civilizações. Outra função do paradigma é colocar fenômenos já conhecidos em uma nova perspectiva. Segundo Huntington (1993), a abordagem civilizacional explica bem a confusão do mundo pós-Guerra Fria, por isso que tem atraído a atenção e gerado debates.

Assim, pode-se verificar que os pontos dissonantes entre a teoria e realidade ocorrem devido à grande complexidade da *Ummah*. Ao idealizar as civilizações como entidades monolíticas e fechadas, Huntington desconsiderou as divisões internas do Islã, bem como, suas raízes históricas, étnicas e religiosas, evidenciando uma fragilidade da teoria. Porém, o Autor considera que, ao pensar de forma científica sem as abstrações e simplificações da realidade, qualquer análise é impossível.

Tendo em vista a existência das dissonâncias analisadas, serão apresentadas outras teorias com potencial de substituir o paradigma civilizacional para pesquisas futuras.

4.3 Teses com potencial de substituir o paradigma civilizacional

Nesta seção será realizada uma breve análise de duas teses identificadas como fontes, em potencial, para a substituição da teoria do Choque de Civilizações para pesquisas futuras. Estas teorias são: o Choque de Globalizações e o Choque de Emoções.

Stanley Hoffmann (2002) apresentou um novo paradigma para o século XXI, o Choque de Globalizações. Para este autor, os ataques ao *World Trade Center* iniciaram uma nova era no cenário internacional, pois demonstraram que a Globalização tornou o terrorismo uma prática de fácil acesso a fundamentalistas, transformando indivíduos e pequenos grupos em atores globais.

Após o fim da Guerra Fria, os especialistas concentraram-se, inicialmente, em compreender a desintegração da ordem global. No início deste século, a tensão dominante

esteve concentrada na fragmentação de Estados devido aos impactos da Globalização, que se manifesta de três formas: a primeira é a Globalização da economia, que resulta de revoluções nas áreas de tecnologia da informação, comércio e negócios; a segunda é a Globalização cultural, decorrente da revolução tecnológica e da Globalização econômica, que fomentam o fluxo de bens culturais; e a terceira é a Globalização política, um produto das outras duas anteriores, caracterizada pela preponderância dos EUA e das organizações internacionais. O choque destas formas de Globalização com a sociedade moderna será a grande fonte de conflitos deste século (HOFFMANN, 2002).

Dominique Moïsi (2007) considera que o mundo no século XXI enfrenta um Choque de Emoções. Para este Autor, o Ocidente está dominado pela cultura do medo, o Islã pela cultura da humilhação e grande parte da Ásia pela cultura da esperança. Entretanto, o mundo ocidental está dividido na forma de confrontar o desafio imposto pela cultura do medo. Já a cultura de humilhação tem unido o mundo muçulmano em torno de suas forças radicais, produzindo um sentimento de ódio ao Ocidente.

Ao enfrentar os desafios impostos pelo Choque de Emoções, a prioridade para o Ocidente deve ser reconhecer a natureza da ameaça que a cultura da humilhação do mundo muçulmano representa. Negar a existência dela ou responder de maneira errada, são escolhas igualmente perigosas. A guerra que se desenrola é aquela que a imposição da cultura de humilhação não pode vencer, mas que o Ocidente pode perder. O desafio não é descobrir como jogar o Islã moderado contra as forças do radicalismo, e sim descobrir como incutir um senso suficiente de esperança e de progresso nas sociedades muçulmanas para que o desespero e a raiva deixe de lançar as massas para os braços dos radicais. Desta forma, a Europa e os Estados Unidos só conseguirão banir seus medos, se forem capazes de encontrar uma forma de ajudar o mundo muçulmano a resolver os seus problemas (MOÏSI, 2007).

O propósito deste capítulo foi aplicar o modelo civilizacional ao cenário de crise provocado pelo EIIL no Oriente Médio, a fim de identificar as convergências e as dissonâncias entre a teoria e a realidade. Além disso, buscou-se identificar teses com potencial de substituir o paradigma civilizacional para futuras pesquisas.

Verificou-se que as principais linhas do modelo civilizacional de Huntington, inclusive a relação central, foram convergentes com o cenário pesquisado. Esta análise pode ser fundamentada pelos seguintes fatos: o EIIL é produto de intervenção estrangeira no Islã e sua criação inicia mais um conflito de linha de fratura na região, envolvendo questões intercivilizacionais amplas como a proliferação de armas, direitos humanos, democracia, migração e terrorismo; evidenciou-se a rejeição do EIIL à divisão da região estabelecida com base no acordo Sykes-Picot, conforme constatada na tentativa de ajuste das fronteiras políticas por padrões culturais; a busca de solução, com base na parceria regional, por meio de uma coalizão multicivilizacional é uma recomendação de Huntington para evitar a escalada de conflitos de linha de fratura; constatou-se a dificuldade de alinhamento de Estados-membros da *Ummah*, devido à falta de um Estado-núcleo islâmico, assim, a coalizão foi formada excluindo-se o Irã e a Síria; constatou-se a coesão da Europa e EUA no combate ao inimigo comum, conforme recomendação de Huntington, pois deveriam se unir ou seriam destruídos separadamente; verificou-se a força do componente cultural no discurso de Baghdadi ao anunciar o califado; o recrutamento do EIIL é favorecido pelo fator cultural que impulsiona jovens muçulmanos de toda a *Ummah*, e até do Ocidente, para as fileiras dos fundamentalistas. Esses fatores permitem que seja confirmada a validade da relação central da teoria civilizacional, de que no mundo pós-Guerra Fria, os conflitos serão de ordem cultural.

Entretanto, verificou-se que ao estabelecer as civilizações como entidades monolíticas e fechadas, Huntington desconsiderou as complexidades do Islã nas questões históricas, étnicas e religiosas. Devido a esta fragilidade da teoria, houve dissonâncias com o

cenário analisado no que se refere aos alinhamentos civilizacionais entre o Islã e o Ocidente.

Devido à existência dessas dissonâncias, foram identificadas teorias com potencial de substituir o Choque de Civilizações para realização de pesquisas futuras. Assim, verificou-se duas teses: o Choque de Globalizações e o Choque de Emoções.

A seguir serão apresentadas as considerações finais, discriminando-se os pontos mais importantes da pesquisa, a fim de responder à questão formulada ao início da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi conduzida com o propósito de analisar o cenário de crise provocado pelo EIIL no Oriente Médio, desde sua formação em 2013 até os dias atuais, com apoio da teoria do Choque de Civilizações. Passaremos a discriminar os principais pontos examinados, a fim de responder à questão formulada ao início da pesquisa.

No capítulo dois, evidenciou-se a relação central da teoria do Choque de Civilizações de que, no mundo pós-Guerra Fria, os conflitos serão de ordem cultural. Para isto, partiu-se dos pressupostos de que o alinhamento dos Estados-nação não produz valores universais e o Ocidente continua sendo a civilização predominante até os dias atuais. Verificou-se que há uma relação direta entre o choque provocado pela influência Ocidental sobre o Islã e o surgimento do movimento do Ressurgimento Islâmico, que visa ao retorno aos valores fundamentais do Islã. A partir deste movimento, formou-se uma corrente que passou a reivindicar seus ideais de forma violenta, o fundamentalismo islâmico. Por fim, verificou-se que a segregação geográfica entre o Ocidente e o Islã, nos dias atuais, faz com que os conflitos de linha de fratura entre essas civilizações estejam centradas em questões intercivilizacionais amplas como proliferação de armas, terrorismo, direitos humanos, democracia e intervenções estrangeiras.

No capítulo três, verificou-se que o EIIL é produto da interferência estrangeira no Oriente Médio. O grupo não é considerado apenas uma organização terrorista, pois controla territórios no Iraque e na Síria, com pretensões de expansão na região. Atualmente, o EIIL conseguiu a autossuficiência financeira, principalmente, por meio do comércio ilegal de petróleo, possibilitando a formação de uma capacidade bélica que o permite enfrentar as Forças de segurança iraquianas e os grupos combatentes curdos e sírios.

No campo ideológico, baseia-se no jihadismo salafista, no Wahhabismo e nos ideais de Qutb, como as demais organizações fundamentalistas, estimulando a guerra sectária contra os xiitas e o ódio aos ocidentais. O EIIL usa a propaganda, principalmente via *internet*, para divulgar atos de violência, a fim de intimidar os oponentes e atrair adeptos ao movimento. Todos esses fatores proporcionaram as condições para o anúncio do califado em 2014. Em resposta, formou-se uma coalizão multicivilizacional, liderada pelos EUA, a fim de derrotar o EIIL.

No capítulo quatro, verificou-se que houve a convergência das principais linhas do modelo civilizacional, incluindo a relação central, com o cenário proposto para esta pesquisa. Entretanto, evidenciaram-se dissonâncias entre a teoria e a realidade, causadas pelo fato de Huntington não considerar, suficientemente, a complexidade da civilização Islâmica, desconsiderando as divisões históricas, étnicas e religiosas. Devido à ocorrência destas dissonâncias, buscou-se identificar teses com potencial de substituir o paradigma civilizacional para realização de futuras pesquisas, sendo selecionadas duas teorias: o Choque de Globalizações e o Choque de Emoções.

Com base nesta análise, responder-se-á à questão formulada para esta pesquisa. A teoria do Choque de Civilizações é capaz de explicar a crise provocada pelo EIIL no Oriente Médio?

Devido à convergência entre as principais linhas do modelo civilizacional, incluindo a relação central, com o cenário proposto para esta pesquisa, considera-se que a teoria foi capaz de explicar a crise provocada pelo EIIL. A gravidade da situação atual do Oriente Médio está intimamente relacionada às raízes históricas, religiosas e culturais, ou seja, civilizacionais.

Entretanto, cabe ressaltar que foi observada inconsistência na classificação das civilizações propostas por Huntington, devido à simplificação excessiva do modelo.

Ao considerar o Islã como maior ameaça ao Ocidente, partindo do pressuposto de que os Estados-nação são os atores principais do Sistema Internacional, Huntington subestimou a capacidade de desestabilização dos grupos fundamentalistas islâmicos. Atualmente, com a força da Globalização e com o aumento das complexidades do Sistema Internacional após os ataques de 11 de setembro, os atores não estatais impactam cada vez mais as Relações Internacionais.

Logo, pode-se apontar como limitação desta pesquisa, a utilização de um referencial teórico desenvolvido há mais de duas décadas, com prioridade nas relações entre atores estatais, em um cenário que os atores não estatais ganham peso nas relações internacionais. Ressalta-se, ainda, que a pesquisa foi realizada sob uma perspectiva ocidental, não considerando o ponto de vista de estudiosos islâmicos.

Para pesquisas futuras, sugere-se a utilização das teorias do Choque de Globalizações e Choque de Emoções, em cenários semelhantes, a fim de verificar suas capacidades de substituir o Choque de Civilizações ou realizar análise comparativa entre elas e o modelo civilizacional.

REFERÊNCIAS

AJAMI, Fouad. **The summoning**. Foreign Affairs, Nova Iorque, v. 72, n. 4, 1993. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/1993-09-01/summoning>>. Acesso em: 22 maio 2015.

CHULOV, Martin. **Islamic State: the inside story**. The Guardian, Londres, 11 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2014/dec/11/-sp-isis-the-inside-story>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

CLARION. **Special report: the Islamic State**. Disponível em: <<http://www.clarionproject.org/sites/default/files/islamic-state-isis-isil-factsheet-1.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

CORDESMAN, Anthony H. **The “Clash For Civilization:” Creating an Effective Partnership in Fighting Extremism Between the West and the Muslim World**. Disponível em: <http://csis.org/files/publication/150211_clash_for_civilization.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2015.

CORDESMAN, Anthony H. **The new “Great Game” in the Middle East: looking beyond the “Islamic State” and Iraq**. Disponível em: <<http://csis.org/publication/new-great-game-middle-east-looking-beyond-islamic-state-and-iraq>>. Acesso em: 18 maio 2015.

CRONIN, Audrey Kurth. **ISIS is not a terrorist group**. Foreign Affairs, Nova Iorque, v. 94, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle.../isis-not-terrorist-group>>. Acesso em: 25 maio 2015.

FREUND, Julien. **Sociología del conflicto**. Madrid: Ediciones Ejército, 1995. p. 57-66.

HOFFMANN, Stanley. **Clash of Globalizations**. Foreign Affairs, Nova Iorque, v. 81, n. 4, 2002. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2002-07-01/clash-globalizations>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 1991. 395 p. Título original: A history of the Arab peoples.

HUNTINGTON. Samuel P. **Clash of Civilizations?**. Disponível em: <http://www.hks.harvard.edu/fs/pnorris/ Acrobat/Huntington_Clash.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

HUNTINGTON. Samuel P. **If not Civilizations, what?**. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/global-commons/1993-12-01/if-not-civilizations-what-samuel-huntington-responds-his-critics>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

HUNTINGTON. Samuel P. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996. 455 p.

KATZMAN, Kenneth. *et al.* **The “Islamic State” Crisis and U.S. Policy.** Disponível em: <<http://fas.org/sgp/crs/mideast/R43612.pdf?x>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

KIRKPATRICK, Jeane J. **The Modernizing Imperative: Tradition and Change.** *Foreign Affairs*, Nova Iorque, v. 72, n. 4, 1993. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1993-09-01/modernizing-imperative-tradition-and-change>>. Acesso em: 22 maio 2015.

LEWIS, Jessica D. **The Islamic State: a counter-strategy for a counter-state.** Disponível em: <<http://www.understandingwar.org/report/islamic-state-counter-strategy-counter-state>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

MOÏSI, Dominique. **The Clash of Emotions.** *Foreign Affairs*, Nova Iorque, v. 86, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2007-01-01/clash-emotions>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio.** 1 ed. Tradução de Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2015. 154 p. Título original: *The Islamist Phoenix: the Islamic State and the redrawing of the Middle East.*

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Manual do candidato: Política Internacional.** Brasília: Editora Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. 356 p.

RABINOVICH, Itamar. **The end of Sykes-Picot? Reflections on the prospects of the Arab State System.** Disponível em: <www.brookings.edu/research/papers/2014/02/sykes-picot-rabinovich>. Acesso em: 15 jun. 2015.

TERRA, Lígia; GUIMARÃES, Raul Borges; ARAÚJO, Regina. **Conexões: Estudos de Geografia Geral e do Brasil.** 2 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2010. 643 p.

UMAA. **The Crisis in Iraq: an analysis of the Islamic State of Iraq and Levant (ISIL) with U.S. policy recommendations in Iraq.** Disponível em: <https://www.umaamerica.net/sites/default/files/2014_06_19_UADV_TheIraqCrisis_FINAL.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2015.

VESENTINI, José W. **Novas geopolíticas.** 5 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 125 p.

ANEXO – Figuras elucidativas complementares

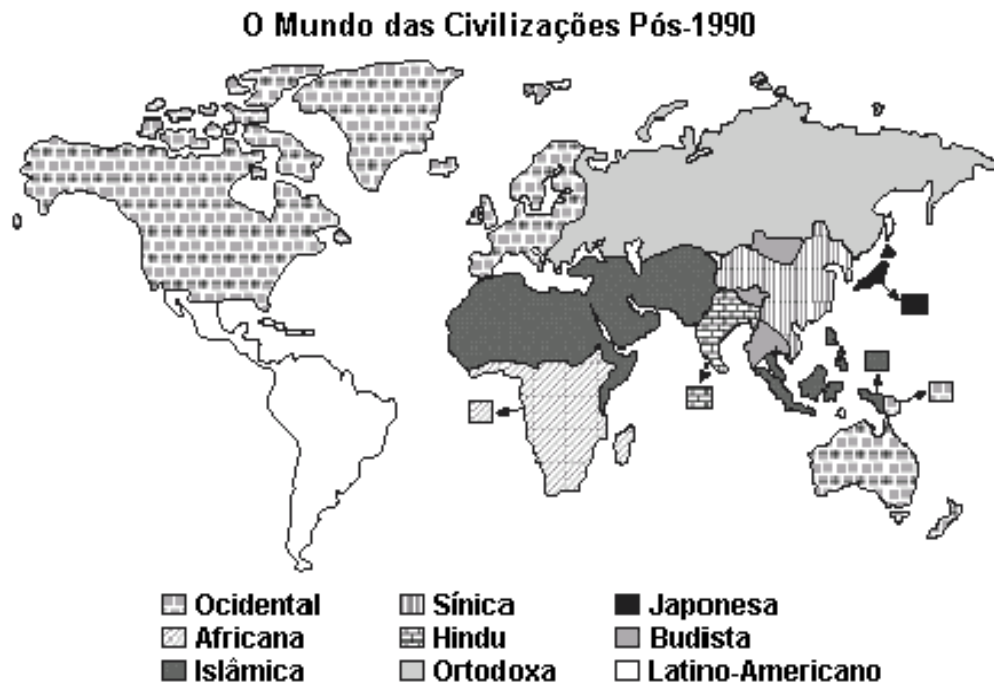
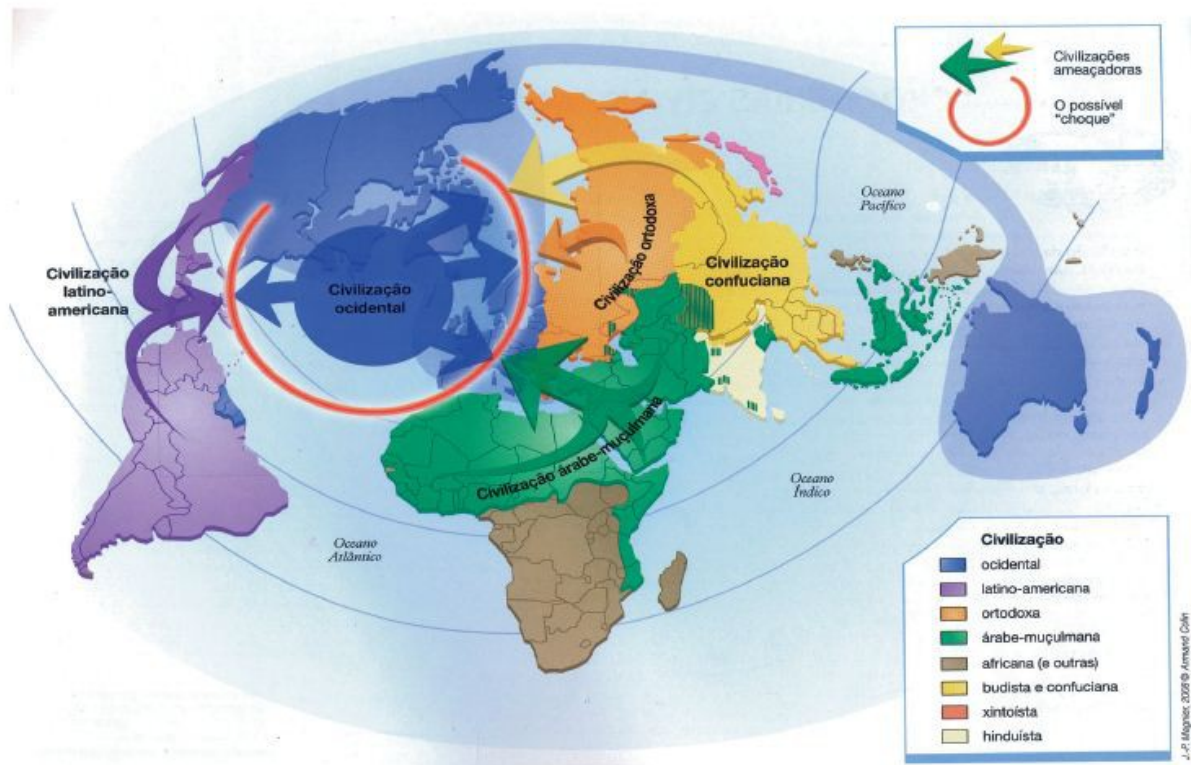


FIGURA 1 – A classificação das Civilizações atuais proposta por Huntington
 Fonte: Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br>.
 Acesso em: 04 ago. 2015.



Fonte: BONIFACE, Pascal e VÉDRINE, Hubert. *Atlas do Mundo Global*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

FIGURA 2 – O potencial de choque entre as Civilizações

Fonte: Disponível em: [http://www. Objetivo.br](http://www.Objetivo.br). Acesso em: 04 ago. 2015.

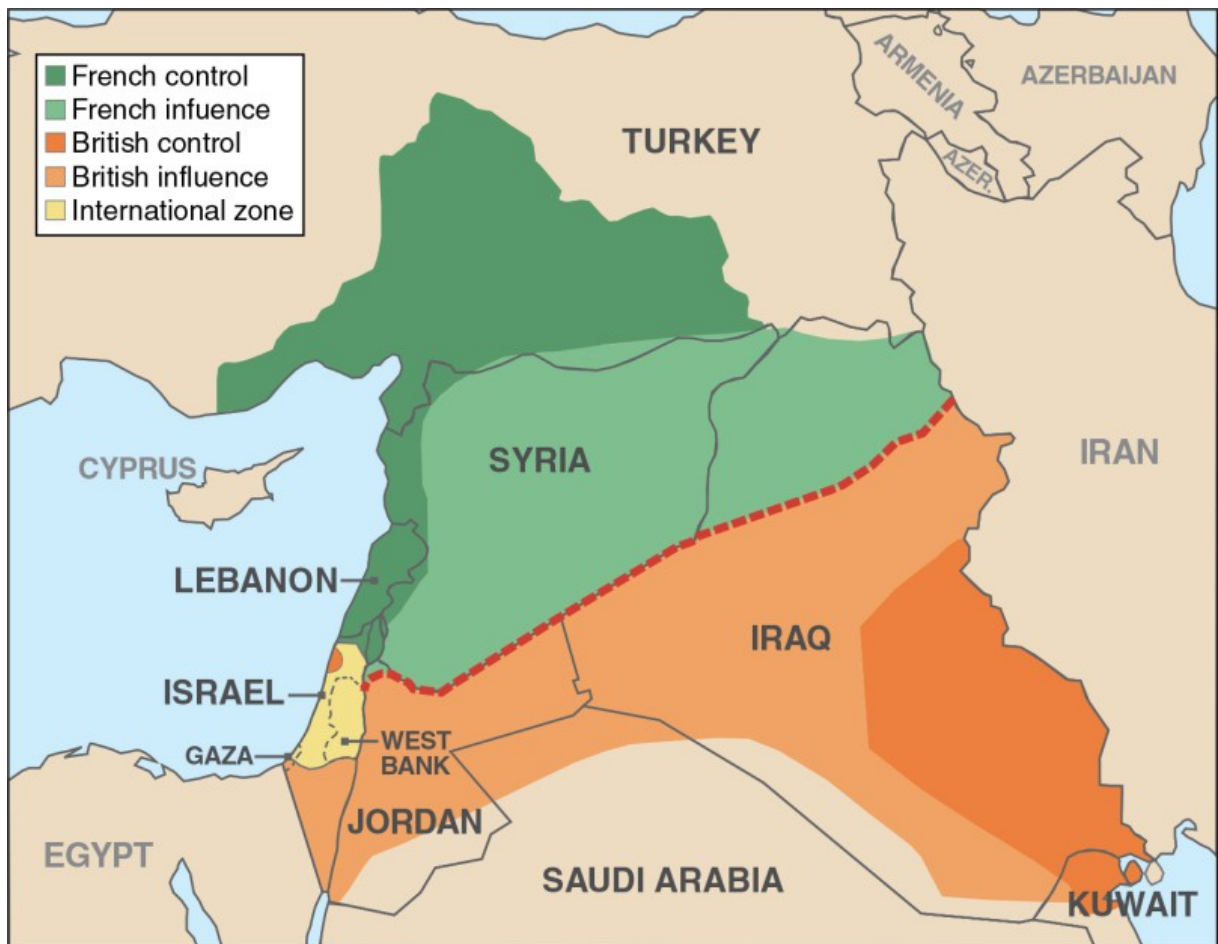


FIGURA 3 – O acordo Sykes-Picot e as atuais fronteiras dos Estados no Oriente Médio

Fonte: Disponível em: <http://www.stripes.com/news/sykes-picot-agreement-line-in-the-sand-still-shapes-middle-east-1.289723>. Acesso em: 04 ago. 2015.

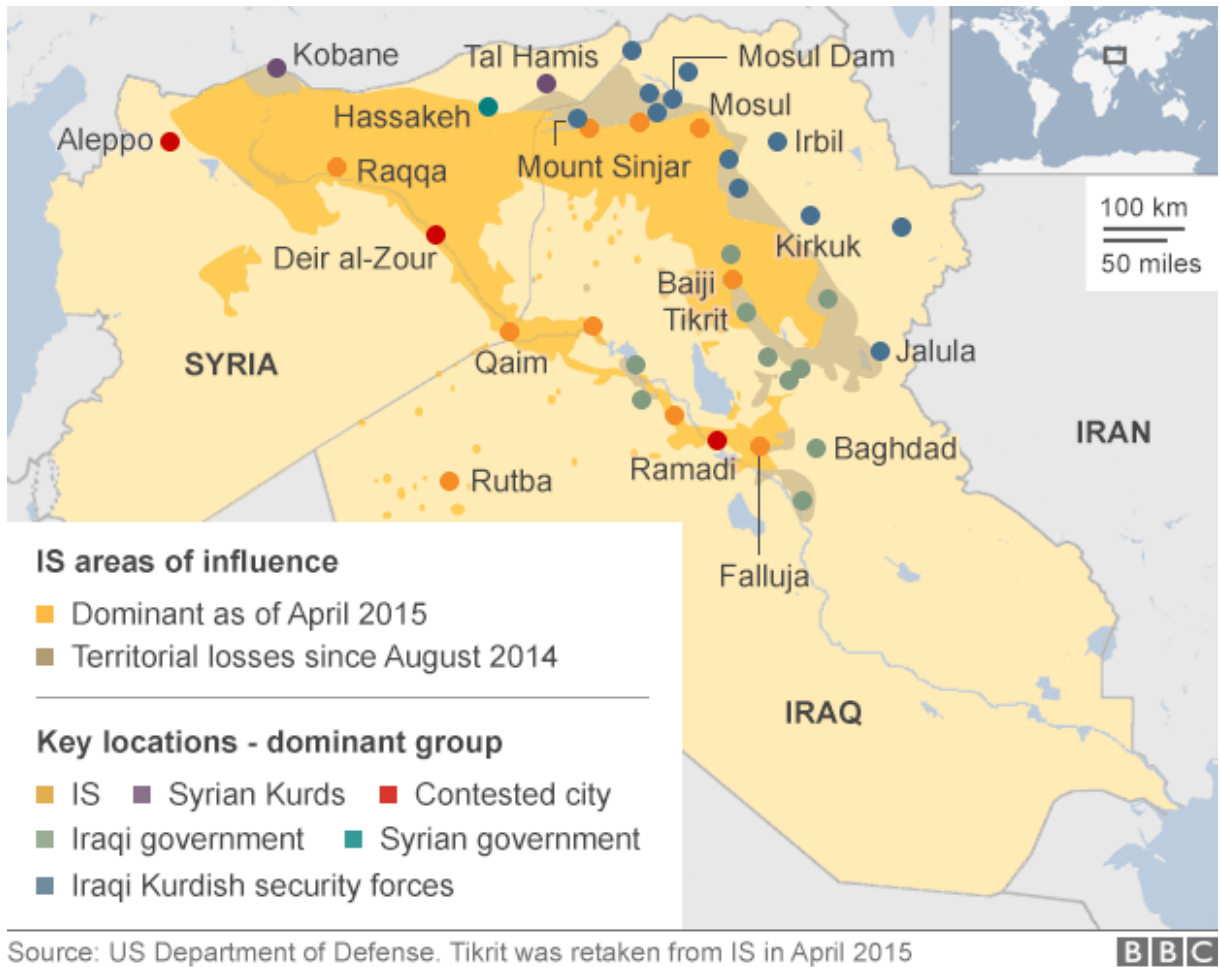


FIGURA 4 – Áreas de influência do EIL atualizada até abril de 2015

Fonte: Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>.

Acesso em: 04 ago. 2015.